

A LEGENDAGEM NO BRASIL: INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS E CULTURAIS NAS ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E O USO DE LEGENDAS EM AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Naiara Martel NOBRE*

RESUMO: Este trabalho traz os aspectos técnicos e linguísticos que permeiam o processo de legendagem, esclarecendo numa análise algumas das principais omissões e adaptações comuns neste tipo de tradução, e discutindo o uso da legenda interlingual em aulas de LE. Dentro de uma pesquisa bibliográfica, mostra-se, primeiramente, um breve histórico sobre a legendagem no Brasil, os tipos de legendas existentes e seus respectivos processos de confecção. Discute algumas dificuldades enfrentadas pelo tradutor dentro do papel de intermediador de culturas ao trabalhar com filmes e programas de TV e o público a que eles se destinam. Revela técnicas de tradução que auxiliam em algumas escolhas tradutórias, como os casos de adaptação e omissão dentro da peculiar estrutura que tem as legendas. Por fim, traz reflexões relevantes sobre o uso didático da tradução, sob a forma de legendas interlinguais na sala de aula de LE e o auxílio deste recurso no aprendizado de cultura e língua estrangeira.

Palavras-chave: Língua. Legendas. Cultura. Tecnologia.

ABSTRACT: This work describes linguistic and technical aspects through the subtitles process, analyses some omissions and adaptations very common in this type of translation and discusses the use of subtitles in the classroom, specifically in the Foreign Language classes. Inside a bibliography research, it describes some parts of the Brazilian subtitle history, the different types of subtitles and its particular confections processes. It discusses some difficulties faced by the translator as a cultural intermediate who works with TV shows, movies and the audience. It reveals translation techniques which involves the omissions and adaptations inside the peculiar structure of subtitles. Finally, It brings a reflection about the didactic associated to the translation, through the interlingual subtitles, and the learning process of a Foreign Language.

Keywords: Language. Subtitle. Culture. Technology.

INTRODUÇÃO

* Graduada em Letras pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

*Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo Centro Universitário Uninter.

A legendagem é utilizada em diversos meios de comunicação audiovisual. Sua popularidade tem crescido com o advento dos canais a cabo, sendo mais recorrente que a dublagem. Se antes desta popularização, as legendas apareciam nas salas de cinema e vídeos de exibição caseira ainda causando dúvidas e alimentando o espírito crítico do espectador, após a disseminação dos canais pagos, elas se tornam alvo principal de críticas a respeito de suas traduções e formatos.

Neste contexto, o presente artigo discutirá os aspectos técnicos e culturais relevantes envolvidos na legendagem, os quais influenciam diretamente no resultado da tradução em diversos temas e abordagens.

Primeiramente pretende-se apresentar de forma sucinta a história da legendagem no Brasil, situando na cronologia o surgimento dos principais estúdios e empresas que atuam no país.

Logo após esta discussão, serão debatidos os aspectos técnicos da legendação segundo os padrões adotados de acordo com o formato da legenda e para qual veículo ela se destina. São padrões como número de caracteres, linhas, tempo de exibição em tela, programas utilizados e técnicas e processos que envolvem a produção dessas legendas.

Tudo será direcionado às problemáticas encontradas dentro deste processo, abordando o fator cultural como medida para se obter uma tradução mais próxima possível do objetivo que se quer atingir. Pretende-se também revelar o papel do tradutor dentro desta dinâmica, mostrando os caminhos que geralmente são seguidos para que um programa de TV ou filme seja bem sucedido, a começar pela sua tradução no país. Tudo isso sem esquecer das limitações que as técnicas de legendagem também oferecem para este resultado.

Por fim, revela-se de que forma o uso de legendas de cinema e TV traduzidas podem auxiliar no aprendizado de uma língua estrangeira como ponte entre uma cultura e outra em seus processos tradutórios.

A LEGENDAGEM NO BRASIL: O SURGIMENTO DE UM MERCADO.

Dentro de uma pesquisa relacionada à análise de aspectos da tradução de um filme ou programa de TV, faz-se necessário saber onde exatamente surgiu a legenda como mais um segmento da tradução e, em que momento ela migra do cinema para TV.

Porém, a bibliografia relacionada à história do cinema não diz exatamente a importância do processo de legendar filmes e/ou o processo de tradução envolvido. É visível esta constatação, uma vez que a ciência da tradução, apesar de antiga, em questões de documentação e registro é bastante recente. Nota-se esta escassez dentro da própria história da tradução. Não existe registro de como ou onde exatamente a legendagem toma proporções maiores, tornando-se um dos ramos importantes da tradução técnica, abrindo espaço para estudos e para o próprio mercado de trabalho para tradutores. Dessa forma, foi necessário procurar entre os registros relacionados à história do cinema e, mais tarde, da TV e outras mídias, para encontrar informações necessárias para complementar esta pesquisa referente à tradução de filmes e programas de TV. Como nas palavras de Mello:

Por mais marcante que tenha sido a introdução do som e da palavra no mundo do cinema, a tradução dos diálogos do filme para uma outra língua não ocupou o mesmo lugar de destaque, ou seja, não há informações detalhadas sobre como se fazia a tradução de filmes nem como se lidava com os possíveis problemas vindos com os registros de outras culturas. Na literatura sobre a entrada da indústria cinematográfica no Brasil, percebemos também as poucas referências à problemática da tradução e, conseqüentemente, da tradução de filmes (2005, p.22).

A autora aponta em seu trabalho que o surgimento da legendagem aconteceu juntamente com o surgimento do cinema. As primeiras exibições públicas de filmes ocorreram em Paris, a partir de 1895, segundo a documentação de Paranaguá (1985). No Brasil, há registro de que o cinema chegou apenas sete meses depois da projeção inaugural em Paris, segundo Labaki (apud MELLO, 2005), em julho de 1896. Antes do surgimento do som, a palavra aparece em forma de intertítulos, letreiros e subtítulos (“dias depois”, “horas mais tarde”). Segundo a autora acima citada, este mecanismo era

utilizado para relacionar a sucessão de acontecimentos, de forma a explicar ao público a relação entre cada cena.

O registro que se tem do primeiro filme com legendas da história do cinema é de 26 de janeiro de 1929, em Paris, onde o filme *“The Jazz Singer”* foi exibido com legendas em francês. (PARANAGUÁ, 1985.).

O autor ainda esclarece que, antes da dublagem e da legendagem como formas de quebrar esta barreira da língua, existiam outras alternativas, inclusive a da “versão” do filme, ou seja, a filmagem do mesmo argumento, mas com outra equipe de direção ou interpretação. O autor ainda esclarece que “as versões múltiplas foram logo abandonadas, à medida que os públicos se acostumaram à dublagem ou aos subtítulos [...] o pessoal queria ver mesmo era a Greta Garbo e não uma obscura substituta” (PARANAGUÁ, 1985, p.37.). Mouzat conclui que por serem as versões um procedimento muito mais caro, as empresas envolvidas começaram a investir em laboratórios de dublagem e legenda (MOUZAT apud MELLO, 2005)

Mais tarde, com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, bem como o advento do VHS, houve a necessidade de se expandir o mercado de tradução de filmes por causa da necessidade de relançar e traduzir mais uma vez os sucessos de bilheteria para reproduções caseiras, adaptando inclusive padrões técnicos específicos relacionados ao formato da legenda, que passaria da tela do cinema para a TV (AVORATO, 2008)

Avorato (2008) traça um panorama do mercado da tradução de legendas no Brasil. Segundo a tradutora e autora, as empresas especializadas no mercado de tradução começaram seu trabalho a partir da década de 90, quando os custos de produção e distribuição de filmes ficaram baixos, deixando surgir diversas produtoras de distribuição de VHS e abrindo as portas para um novo nicho para tradutores. O panorama atual inclui neste mercado as novas tecnologias, como o DVD e o Blue-ray, assim como a popularização dos canais a cabo.

Certamente, há um alcance de público maior, e a necessidade de se traduzir com qualidade fez com que empresas especializadas em tradução audiovisual (nomenclatura utilizada pela maioria das empresas de tradução no Brasil) abrissem suas portas e investissem cada vez mais em tecnologia e capacitação de tradutores (AVORATO, 2008).

Ainda no mesmo artigo, Avorato (2008) informa que antes, há vinte ou trinta anos atrás, as próprias distribuidoras se encarregavam da tradução, ou contratavam tradutores terceirizados ou até pequenos estúdios. Mais uma vez, a evolução do mercado e da tecnologia fez com que houvesse a profissionalização e organização do segmento para que este trabalho, alvo de diversos tipos de visões e críticas, pudesse se adaptar à indústria do entretenimento.

Exemplo desta evolução é a Drei Marc, empresa de legendagem que possui sede no Rio de Janeiro e foi criada em 1990, atuando inicialmente com a produção e distribuição de vídeos. A partir de 1996, com as inovações tecnológicas e as novas tendências de mercado, começou a atuar no segmento de tradução e legendas, estando hoje entre as mais conceituadas e prestigiadas. Hoje atua principalmente em canais de TV (Free & Pay-Tv), fazendo parcerias com produtoras independentes, operadoras, outras distribuidoras e também no mercado corporativo. (<http://dreimarc.com.br/empresa>, 2011.)

ASPECTOS TÉCNICOS DA LEGENDAGEM

A linguagem audiovisual traz peculiaridades relacionadas aos tipos de códigos mostrados em seus materiais: o linguístico e o visual, que não se dissociam e dependem um do outro para a compreensão da mensagem. Neste sentido, a legenda se apresenta como uma das modalidades definidas por Bergmann e Lisboa (2008) da tradução audiovisual.

Esta modalidade tem como característica a não alteração da imagem que se vê e o som que se ouve. Assim, define-se como legendagem a tradução onde “um texto escrito é apresentado de forma simultânea à fala do texto

original, e eles devem estar em perfeita sincronia.” (BERGMANN e LISBOA, 2008, p. 98)

As legendas, em seu aspecto técnico, podem ser classificadas em abertas e fechadas, segundo Santiago (2002). As legendas abertas são colocadas antes das exibições das imagens, feitas em estúdios através de processos químicos, óticos, eletrônicos e, atualmente, a *laser*. Portanto, sempre irão aparecer na hora de exibir um filme, um programa de TV ou em exibições caseiras. As legendas fechadas, também chamadas de *closed caption*, aparecem de acordo com a preferência do telespectador, através de um codificador de legendas localizado em controles remotos. São legendas que servem de auxílio para telespectadores com problemas auditivos, para o auxílio no aprendizado de outras línguas ou simplesmente para reproduzir o que está sendo falado quando o som não está audível; possuem a característica de reproduzir, inclusive, outros ruídos que estejam envolvidos nas cenas exibidas (como aplausos, som de portas batendo, etc.).

A legenda fechada

A legenda fechada possui também uma subclassificação proposta por Santiago (2002). Pode ser do tipo rotativo, onde as linhas sobem da parte inferior da tela, as palavras surgem da esquerda para a direita e são usadas em programas ao vivo; pode também ser do tipo *pop-on*, onde as frases ou sentenças surgem como um todo (e não palavra por palavra), ficando temporariamente na tela. Este último tipo de legenda é usado em programas pré-gravados e assemelha-se muito às legendas abertas.

A confecção do *closed caption* é feita em um estenógrafo computadorizado. O profissional que desempenha a função de operar esse *software* é o estenotipista. O teclado utilizado (chamado estenotipo) possui 24 teclas, sendo igual aos teclados usados pelos taquígrafos em tribunais. Neste processo, as palavras são digitadas pelos seus sons, não pela sua ortografia, segundo Robson (apud SANTIAGO, 2002).

Através de combinações de teclas, que são pré-determinadas em um treinamento especial, digita-se os fonemas desejados, o programa faz uma busca em seu banco de dados, reconhece a combinação de teclas e oferece a palavra correspondente. Para a produção do *closed caption*, é necessário ter muita habilidade com o estenotipo, adquirida através de um treinamento especial para o conhecimento das combinações de teclas para reproduzir os sons das palavras.

Como o *closed caption* no Brasil é usado em TV aberta, onde a língua falada nos programas é o português, o processo tradutório envolvido é de caráter intralingual, pois a decodificação de fonemas é feita dentro da própria língua. Santiago (2002), inclusive, denomina várias vezes, em sua pesquisa, o estenotipista como tradutor.

A legenda aberta: etapas e procedimentos

Os padrões adotados para a feitura de legendas no Brasil variam de estúdio para estúdio, tipo de mídia ou meio de veiculação.

Mas existem procedimentos que são comuns no processo. Bergmann e Lisboa (2008) dividem o processo de legendagem em três etapas. A primeira etapa consiste em uma primeira visualização do material, quando o tradutor tomará notas a respeito do texto original, seguida da divisão do roteiro em unidades de tradução, de forma a facilitar o trabalho do tradutor.

O parâmetro utilizado na legenda aberta é interlingual, havendo a necessidade do tradutor em questão possuir conhecimento de outra língua para transmitir mensagens de uma língua para outra. (SANTIAGO, 2002).

A partir da tradução do material, parte-se para as etapas de sincronização e edição das legendas.

Os estúdios utilizam softwares específicos para legendas, geralmente utilizados na etapa de legendagem. Quando o legendista não possui domínio do software ou a empresa não o disponibiliza para a etapa de legendação,

utiliza-se um editor de textos comum (em geral, o *Word For Windows*). Mas nem sempre foi assim.

Quando a legendagem eletrônica era feita apenas com um gerador de caracteres, pedia-se ao tradutor que fizesse suas legendas em letra de forma em papel quadriculado ou datilografada. Para isso, o legendista precisava fazer a marcação do tempo de fala mentalmente ou, de posse do roteiro, marcar as pausas no texto escrito (SANTIAGO, 2002).

A sincronização ou marcação, é a etapa em que se decide onde começa e onde termina cada legenda. Chama-se este profissional de marcador que não precisa ser necessariamente conhecedor de técnicas de tradução. Em seguida, o revisor, ou editor grava as legendas na fita, ou atualmente, na mídia na qual será exibido o material. Assim, deduz-se que o tradutor não é o mesmo profissional que coloca as legendas no vídeo. Por causa desta divisão de etapas*, convencionou-se chamar a etapa relacionada à tradução do texto de legendação, sendo o seu executor (o tradutor) o legendista. As demais etapas são chamadas de legendagem (ALVARENGA, 1998).

Por possuir diversas etapas e por serem operadas por vários profissionais, pode-se inferir que a possibilidade do “erro” começa neste processo, onde o tradutor participa apenas do início e raramente acompanha a inserção das legendas na edição do vídeo.

O padrão internacional para o número de linhas é dois (MELLO, 2005).

O número de caracteres por linhas varia de um meio de veiculação para outro. Em TV, Luyken (apud Santiago) ensina que o máximo de caracteres é entre 32 e 40 toques. O manual da empresa de legendagem *West End* fornece outros números para TV : 26 a 30 caracteres por linha. O mesmo manual aponta 36 a 44 espaços para o cinema, por ser a tela maior que a da TV, cabendo maior quantidade de letras.

* Na Europa, o tradutor é responsável por todas essas etapas, portanto, sendo necessária, além do domínio das técnicas de tradução, a prática na parte de edição de vídeos.

Já o tempo disponível para a leitura destas legendas depende de três fatores: “a quantidade de texto, a velocidade de leitura dos telespectadores (normalmente entre 150 a 180 palavras por minuto) e os intervalos entre uma legenda e outra (aproximadamente ½ segundo)” (LUYKEN *apud* SANTIAGO, 2002, p.4).

TRADUZINDO LEGENDAS: O QUE O PÚBLICO EXIGE E O QUE É POSSÍVEL OFERECER

A legenda de um filme ou série de TV é, atualmente, alvo de muitas críticas. O telespectador tornou-se o leitor exigente que, assim como na tradução escrita, aponta os possíveis “erros” do tradutor. Por isso, é preciso sempre esclarecer alguns tópicos relacionados ao conceito (errôneo) de “erro” por parte de quem lê/assiste.

A definição de erro na tradução possui parâmetros diversos, que vão desde a não-interferência do tradutor no texto, defendida por Mounin (*apud* MELLO, 2005), até a defesa de procedimentos que facilitem a fluência textual, incluindo o sentido dos vocábulos em cada contexto, segundo Borten (*apud* MELLO, 2005). Porém, é necessário seguir uma linha de raciocínio que se enquadre nas questões referentes à legenda. Mello conclui um capítulo destinado às discussões sobre a definição de erro em seu trabalho, com o seguinte pensamento:

O erro existe enquanto descumprimento de regras elaboradas para serem seguidas dentro de uma comunidade. Mudando-se as regras, mudam-se as concepções de erro. Se entendermos tradução como um transporte do sentido contido na palavra, as soluções que expliquem as palavras, como as encontradas em dicionários e gramáticas, seriam as corretas em oposição às que não vêm deles. [...] Em outras palavras, erro é o que não se enquadra nas regras estabelecidas *a priori* pelas partes envolvidas em um dado trabalho (2005, p.84).

Sabe-se que diversos aspectos permeiam um trabalho de tradução. Deve-se levar em conta, além da cultura, o tema que se propõe traduzir, a quantidade de informações dentro da gama de assuntos que este tema traz; dentro da legendagem existe o aspecto relacionado à fala e às características de cada personagem. E também, nunca se pode ignorar as normas e

limitações técnicas de legendas que, sem dúvida, influenciam em várias decisões do tradutor.

A impossibilidade do literal

Sempre que se assiste a um filme ou a uma série de TV, é quase unânime surgirem opiniões referentes a “erros” de tradução.

Na legendagem, esta situação é acentuada, pois o texto, a fala original está ali presente, sendo comparada, e, por mais que o espectador não tenha tanta familiaridade com a língua, ele percebe que nem sempre a legenda corresponde exatamente aos personagens e às situações em que eles estão envolvidos (nas sitcoms, há situações de comédia, em que existe a risada de uma platéia). Certamente, para este espectador e para todos os que desconhecem os procedimentos técnicos de tradução de legendas, o erro está onde não existe literalidade.

Quando se fala em literalidade, deve-se fazer a diferença conceitual entre tradução literal e a tradução palavra-por-palavra segundo os teóricos dos Estudos da Tradução. Em seu “Procedimentos Técnicos da Tradução”, Barbosa traz a definição de tradução palavra-por-palavra feita por Aubert, que é

a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na língua da tradução mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no texto em língua original (2004, p.64).

Dito isso, a autora propõe que a língua original possua uma convergência significativa com a língua da tradução para que haja correspondência morfossintática, de forma que cada palavra seja traduzida exatamente na ordem, o que nem sempre acontece entre línguas.

Sobre a tradução literal, Barbosa conclui que é “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da língua da tradução.” (2004, p.65)

Assim, neste tipo de procedimento, o tradutor deve obedecer estritamente o sentido e a ordem sintática do enunciado, não sendo permitida qualquer adaptação ou omissão por parte do tradutor.

A visão logocêntrica de que o texto/fala contém todos os sentidos da mensagem do autor e não deve ser alterada pelo tradutor, é defendida tanto pelo público quanto por vários profissionais e estúdios envolvidos neste mercado. A tradução literal acaba se tornando quase um pré-requisito para uma boa tradução e, ainda, para medir o grau de habilidade e invisibilidade do tradutor nestes parâmetros.

Porém, conforme defendido por Mello (2005) é impossível um tradutor ser neutro e não intervir numa tradução, uma vez que a produção do primeiro sentido que se tem de uma obra vem de quem a traduz. A partir deste primeiro sentido, o leitor/espectador constrói o seu sentido, a sua interpretação. Assim, pode-se concluir que a produção de sentido acaba sempre transferida de uma leitura para outra. Portanto, “a ilusão de que o tradutor pudesse reproduzir os sentidos do original sem interferir neles é a base da crença na tradução literal das legendas” (MELLO, 2005, p.73).

Baseado nas reflexões acima, pode-se concluir que a literalidade nem sempre é possível dentro da legendagem.

Adaptações e omissões nos parâmetros da legendagem

O processo de adaptação é uma etapa inerente à legendagem. Transformar as falas de personagens em legenda já é uma adaptação. Porém, convém lembrar a definição de adaptação dada por teóricos e que é aplicada nos procedimentos técnicos da tradução. Barbosa define que “a adaptação é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere ao texto em língua original não existe na realidade extralingüística dos falantes da língua de tradução” (2004, p.77).

Assim como em outros formatos de tradução, também na legendagem serão encontradas situações em que será aplicado o procedimento acima descrito.

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

O termo adaptar é utilizado pelos tradutores no que se refere à legendagem, pois nela “as mudanças entre texto falado e texto escrito num espaço e tempo pré-determinados são mais evidentes do que em outros meios de tradução” (MELLO, 2005, p.74).

Teixeira (2011) também se refere às adequações feitas nas legendas por conta de espaço e tempo como adaptações.

Esclarece-se, portanto, que as adaptações das quais se falará a partir de agora são referentes às adequações para legendagem, e não o procedimento técnico em si.

No decorrer desta reflexão, foi constatado tecnicamente que a legendagem possui procedimentos em sua confecção que influenciam diretamente no trabalho do tradutor. Além desses detalhes, referentes ao espaço e ao tempo de exibição, deve-se levar em conta o texto-base utilizado na legenda: trata-se da fala de um personagem dentro de uma narrativa que não pode ser interrompida por notas explicativas ou adicionais que esclareçam ou expliquem algum vocábulo ou termo. Desta forma, há necessidade de adequar o que foi dito de acordo com o que a legendagem exige em termos técnicos.

Estas adaptações começam segundo o padrão de segmentação das legendas, definidas sempre pelo cliente em questão. Alfaro (1994) esclarece que o objetivo é que cada legenda transmita uma ideia fechada e coerente, para facilitar a leitura de cada uma delas e não deixe o espectador tão preso às legendas quando é necessário observar elementos ligados à imagem e som do filme/programa. Assim, são necessárias simplificações de sentenças, tais como:

- componentes sintáticos em ordem direta em vez de inversa, ou intercalada;
- orações coordenadas em vez de subordinadas;
- construções ativas em vez de passivas;
- construções positivas em vez de negativas;
- verbos simples em vez de compostos;
- elipses em vez de sujeitos ou verbos repetidos na mesma oração;
- interrogações em vez de perguntas indiretas;
- imperativo em vez de solicitações indiretas. (ALFARO, 1994, p. 20)

Assim, tem-se a adaptação de sentenças como elemento importante para a transmissão de ideias concisas que facilitem a leitura.

Em relação às omissões, pode-se dizer que o procedimento e o termo usado aqui podem ser encaixados à definição de Barbosa que diz que “a omissão consiste em omitir elementos do texto na língua original que, do ponto de vista da língua de tradução, são desnecessários ou excessivamente repetitivos” (2004, p.68).

Como o texto-base é a fala, são mantidos diversos traços relativos ao caráter emocional, à dicção, entonação e nunca se pode esquecer da imagem, com gestos e expressões faciais. Dentro deste contexto, alguns elementos podem ser considerados irrelevantes ou dispensáveis, tais como:

- vocativos, quando já se conhece o nome das pessoas envolvidas;
 - [...] hesitações, gaguejos, pequenos vícios de linguagem e auto-correções na enunciação;
 - falas em segundo plano, pouco audíveis ou sem relevância para o texto principal;
 - onomatopéias;
 - respostas sucintas e formalmente semelhantes à língua da tradução, tais como “sim”, “não”, “tchau”, “obrigado”, “ok”; [...]
- (ALFARO, 1994, p.21).

Determinados os tipos de omissões e adaptações a serem feitas na fala de acordo com o contexto, convém ao tradutor equilibrar estas adequações conforme o que ele considera mais ou menos importante e relevante, levando em conta as marcas de estilo de cada um dos personagens, as variedades dialetais, que por vezes necessitam de correspondência na língua de tradução, o uso de gírias e palavrões e o uso da norma culta do código escrito.

Utilizando legendas em aulas de LE

A tradução vem ganhando espaço e respeitabilidade, de acordo com Vigata e Barbosa (2009). As autoras também afirmam que, apesar de ser um procedimento e objeto de pesquisa em constante crescimento, a tradução ainda possui ressalvas, por parte de pesquisas e estudos, quando se trata de recurso didático, mas que possui grandes vantagens no que se referem as

habilidades comunicativas presentes no desenvolvimento intercultural que ela proporciona.

O ensino de língua estrangeira na era da informação e da tecnologia pede inovações e favorece o uso de mídias e materiais alternativos em sala de aula. No ensino de línguas, o uso de filmes e programas televisivos traz uma amostra de linguagem bastante significativa, que permeia entre o visual e o auditivo. (GOMES, 2010).

A tradução entra em cena em forma de recurso didático através de legendas interlinguais. Conforme Spanos e Smith (2003), o uso de programas televisivos e filmes legendados é uma inovação, pois envolve alunos de vários contextos educacionais atraídos pela TV, e os filmes e programas legendados podem ser usados para um tema específico de acordo com a proposta curricular.

Para Vigata e Barbosa (2009), o uso das legendas como recurso didático está ligado à melhora do processamento e da memorização, pois o material audiovisual com legendas interlinguais possui três sistemas independentes: a imagem, o som e a tradução do que está sendo exposto. Assim, “quando a tradução faz o vínculo entre os dois sistemas verbais, os espectadores contam com mais vias de recuperação da informação e se beneficiam tanto dos elementos visuais quanto dos dois códigos verbais”. (VIGATA e BARBOSA, 2009, p.3). As autoras também discutem o desenvolvimento da competência intercultural, de acordo com o tema de cada filme e/ou programa de TV, através de estratégias de leitura em classe. Gomes (2010) se aprofunda ao apontar vantagens do tipo afetivo, onde o aprimoramento da leitura pode ser induzido através do uso de material audiovisual legendado em classe.

A presença de diferentes textos em diversos meios midiáticos, tais como a tela da TV, do cinema e do computador, faz com que a leitura não seja mais vista apenas como a mera decodificação de palavras escritas. Para o ensino de línguas estrangeiras, por exemplo, a apresentação multimodal de imagem, áudio e escrita simultaneamente nos filmes e vídeos legendados também pode favorecer a aquisição de novos conceitos e fornecer contextos para uso das palavras (GOMES, 2010, p.7)

Em relação ao tipo de tradução usada para os fins didáticos, Gorovitz (2006) observa que existe uma interferência do espectador/aluno para produzir significado também na legenda, por conta de possíveis deficiências relacionadas ao processo de confecção. Interferência esta que reconstrói a imagem, o ambiente, a expressividade de personagens somando ao que está escrito na tradução. Deste modo, “essa reconstrução dá-se por meio das capacidades mentais do sujeito, que, ao solicitar sua memória, imaginação e criatividade, transforma suas fantasias e pulsões em figuras apreensíveis”. (GOROVITZ, 2006, p. 23).

Considerações finais

Ao contar a breve história da legendagem no Brasil, dando ênfase na confecção e todo o processo de tradução que se passa por trás desse mercado, permitiu-se ter a compreensão de como se aplica a teoria da tradução no trabalho feito pelo legendista. Pode-se observar que, na tradução, a construção de significado da obra (que neste artigo tem base em materiais audiovisuais) começa no tradutor e tem contribuição absoluta do público/aluno/estudante de línguas.

As omissões e adaptações relacionadas ao processo de legendagem relacionam-se com a qualidade do trabalho do legendista, a fim de que se desfaça o mito do erro e deficiência dentro de traduções de boa qualidade.

Assim, quando destinadas ao ramo da educação, como o ensino de línguas, estas legendas possuem o papel de aprimorar o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira, bem como a capacidade de comunicação, através do desenvolvimento da interculturalidade e oferecem a oportunidade tanto ao docente quanto ao aluno de apreciarem uma aula diferente, com recursos didáticos que tem caráter de entretenimento e que ainda podem auxiliar na proficiência de uma língua estrangeira.

Referências

ALFARO, Carolina. “Por uma abordagem sistêmica, descritiva, funcional e subjetiva da tradução para legendas” In TradTerm: Revista do Centro

Interdepartamental de Tradução e Terminologia/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994. n.2.

ALVARENGA, Lina. "Subtítlar: Legendador, ou Legendista?" in *TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E CULTURA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO*. Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIAT), 1998.

AVORATO, Carolina. "Panorama do mercado de legendagem". Disponível em: <http://artedatraducao.blogspot.com/2008/07/panorama-do-mercado-de-legendagem.html>. Acesso em 15 set. 2011.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. Campinas, SP. Pontes, 2004. 2ª edição.

BERGMANN, J. C. F. ; LISBOA, Maria Fernanda . **Teoria e Prática da Tradução**. Curitiba: Editora IBPEX, 2008. v. 1.

GOMES, Francisco Wellington Borges. "Os textos na tela da TV: o papel da associação entre sons, imagens e legendas no ensino de línguas" in *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*. UNITAU, 2010. v. 2, n.1.
DREI Marc: a empresa. Disponível em: <http://dreimarc.com.br/empresa>. Acesso em: 28 dez.2011.

GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução**: a legendagem cinematográfica e a construção do imaginário. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

IVARSSON, Jan. "A Short Technical History Of Subtitles In Europe". Disponível em <http://www.transedit.se/history.htm>. Acesso em: 17 set. 2011.

MELLO, Giana. O tradutor de legendas como produtor de significados. São Paulo, Tese de doutoramento, UNICAMP, 2005.

PARANAGUÁ, Paulo. **O cinema na América Latina**: Longe de Deus e perto de Hollywood. Porto Alegre: Editora L&PM, 1985.

SANTIAGO, Vera Lúcia. "O processo de legendagem no Brasil" in *Revista do GELNE*. Fortaleza, 2002. v. 4, n.2.

SPANOS, George & SMITH, Jennifer J. Closed Caption television for adult LEP literacy learners. [on line] 2003. Disponível em: www.wricfacility.net/ericdigests/ed321623.html. Acesso em: 28 dez/ 2011.

TEIXEIRA, Leonardo. "Tradução para legendagem", in *Boletim da Abrates*. Disponível em: <http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=TRADU%C7%C3O%20PARA%20LEGENDAGEM%20CONSIDERA%C7%D5ES.abr>. Acesso em: 23 nov. 2011.

VIGATA, Helena S.; BARBOSA, Lúcia M. A. Quem arrancou essa planta do meu jardim? Argumentos a favor do uso de legendas interlinguais no ensino de línguas estrangeiras. *in* Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, 2009.